

AS CONDIÇÕES DO PENSAMENTO DIANTE DA ACELERAÇÃO E DA DILUIÇÃO DOS LIMITES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO¹

LAS CONDICIONES DEL PENSAMIENTO FRENTE A LA ACELERACIÓN Y LA DILUCIÓN DE
LOS LÍMITES EN EL MUNDO CONTEMPORÁNEO

CONDITIONS OF THOUGHT FACING THE ACCELERATION AND DILUTION OF THE LIMITS
IN THE CONTEMPORARY WORLD

Claudine Haroche*

Centre National de Recherche Scientifique

Tradução do ensaio

Les conditions de la pensée face à l'accélération et la dilution des limites dans le monde contemporain por **Isabella Mozzillo****

RESUMO: Nesta reflexão, buscamos compreender de que modo o pensamento, mais especificamente, a integridade científica, sofre interferências do mundo contemporâneo, caracterizado pela efemeridade das informações, rapidez na produção científica e diluição dos limites. Tematizamos o plágio e as condições para sua ocorrência: uma sociedade que privilegia o produtivismo

¹ Este texto inclui certas passagens de "*Ignorer la recherche, effacer l'auteur*" *Le plagiat de la recherche scientifique* (sob a direção de G.Guglielmi, G.Koubi) L.G.D., 2012.

* Doutora em Sociologia pela Universidade de Paris VII. Diretora de pesquisas no *Centre National de Recherche Scientifique* (Centro Nacional de Pesquisa Científica - CNRS).

** *Sobre a tradutora*: Isabella Mozzillo é Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002). Professora do Centro de Letras e Comunicação, da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: isbellamozzillo@gmail.com.

(WATERS, 2004); mudanças na produção de trabalhos universitários (SCHNEIDER, 1985); questões relativas à economia de mercado (ADORNO; HORKHEIMER, 1974); e o aspecto tecnológico. Também trazemos à tona as contínuas mudanças da sociedade atual e suas consequências nos modos de subjetivação (BERGSON, 2003). Estes são afetados pela mobilidade constante dos meios de comunicação, que alteram a percepção de si e da realidade. Decorre do virtual uma espécie de distinto generalizado. Além disso, se propagam atividades automáticas e mecânicas, as quais não requerem saberes aprofundados (BALANDIER, 2006). O pensar demorado ocorre em um ritmo permeado por desvios, digressões, pausas, sem resultados constantes. Entretanto, o pensar encontra no imediatismo e na velocidade barreiras para se efetivar. Daí decorre uma competência técnica, sem mentalização. A ignorância sobre o pensamento e o conhecimento leva ao desaparecimento do autor. Precisamos repensar as noções de si, propriedade de si, autor e autoridade. As formas atuais de apropriação do conhecimento, velozes, em contraponto com o ritmo lento do pensar, colocam em evidência a necessidade de respeitar o tempo, a originalidade, o pensamento de si e do outro.

PALAVRAS-CHAVE: Plágio. Pensamento contemporâneo. Científico.

RESUMEN: En esta reflexión, buscamos comprender de qué modo el pensamiento, más específicamente, la integridad científica, sufre interferencias del mundo contemporáneo, caracterizado por la efimeridad de las informaciones, rapidez en la producción científica y dilución de los límites. Tematizamos el plagio y las condiciones para su ocurrencia: una sociedad que privilegia el productivismo (WATERS, 2004); mudanzas en la producción de trabajos universitarios (SCHNEIDER, 1985); cuestiones relativas a la economía de mercado (ADORNO; HORKHEIMER, 1974); y el aspecto tecnológico. También traemos a la luz las continuas mudanzas de la sociedad actual y sus impactos en los modos de subjetivación (BERGSON, 2003). Estos son afectados por la movilidad constante de los medios de comunicación, que alteran la percepción del sí y de la realidad. Resulta del virtual una especie de distinto generalizado. Además, se propagan actividades automáticas y mecánicas, las cuales no requieren conocimiento profundo (BALANDIER, 2006). El pensar demorado ocurre en un ritmo permeado por desvíos, digresiones, pausas, sin resultados constantes. Sin embargo, el pensar encuentra en el imediatismo, en la velocidad, barreras para efectivarse. De ahí deriva una competencia técnica, sin mentalización. La ignorancia sobre el pensamiento y el conocimiento lleva al desaparecimiento del autor. Precisamos repensar las nociones del sí, propiedad del sí, autor y autoridad. Las formas actuales de apropiación del conocimiento, veloces, en contrapunto con el ritmo lento del pensar, ponen en evidencia la necesidad de respetar el tiempo, la originalidad, el pensamiento del sí y del otro.

PALABRAS CLAVE: Plagio. Pensamiento contemporáneo. Científico.

ABSTRACT: In this study, our objective is to understand how thought, or, more specifically, scientific integrity, is interfered by the contemporary world, which is characterized by the ephemerality of information, by the quickness in the scientific production, and by the dilution of limits. We discuss plagiarism and the conditions to its occurrence: a productivism-driven society (WATERS, 2004); changes in the production of academic works (SCHNEIDER, 1985); questions related to the market economy (ADORNO, HORKHEIMER, 1974); and questions related to technology. We also discuss the continuous instability of the present society and its impact over forms of subjectivation (BERGSON, 2003). They are affected by the constant mobility of the means of communication, which alter the perception of oneself and the perception of reality. A kind of generalized distinction arises from the virtual; and automatic and mechanical activities are spread, which do not require deep knowledge (BALANDIER, 2006). Thinking occurs in a rhythm that is affected by deviations, digressions, pauses, without any constant results. However, thinking finds in immediatism and speed barriers to be put in motion. From this process, a technical competence emerges without mentalization. Ignorance over thought and knowledge leads to the disappearance of the author. We need to rethink the notions of the self, propriety over the self, author, and authority. The current ways of knowledge appropriation are fast and show the need to respect time, originality, one's self thought and thought on the other.

KEYWORDS: Plagiarism. Contemporary thought. Scientific.

1 INTRODUÇÃO

A integridade científica requer uma concepção do sujeito, uma representação específica do eu e do outro, o conhecimento e o pensamento dentro de um determinado tipo de sociedade. Será que a aceleração contínua e a diluição dos limites podem preservar a liberdade de consciência, o compromisso, a paixão pelo conhecimento, a integridade científica? Quando o valor contemporâneo

dominante consiste em ganhar a qualquer custo, ao invés de experimentar o prazer que trazem a compreensão, o conhecimento e a atualização de fatos inéditos e originais? Quando o valor dominante significa fazer dinheiro e, para isso, submeter-se à demanda cada vez mais premente de produzir, de publicar e, ao mesmo tempo, de inovar com a exigência de uma produtividade rentável em curto prazo?

Tentamos aqui discernir os elementos atuantes no questionamento da integridade científica: a falta de duração, a aceleração crescente e a diluição dos limites podem levar ao plágio deliberado, bem como ao involuntário.

2 AS FONTES CONTEMPORÂNEAS DE PLÁGIO

Lindsay Waters observou há uma década uma crise geral no exercício do julgar, que ele atribui à pressão à qual o mercado submete o trabalho do pensar: ao incentivarem e privilegiarem o automático, o repetitivo, as formas contemporâneas de mercado desenvolvem um saber instável, efêmero, não cumulativo. Waters destaca a natureza do saber universitário, que exige, em vez disso, a leitura, a apropriação, a transmissão, salientando o papel decisivo do tempo, da duração, da demora e da pausa para poder pensar, elaborar o conhecimento, ao contrário da instantaneidade da informação. Ele insiste no fato de que “o papel do saber é apreciado em termos de profundidade, de duração, não em termos de extensão, de superfície”. O autor analisa, então, o papel da produtividade nas sociedades contemporâneas, afirmando que, atualmente, “o que importa é o produto”. Constata que “[...] o aumento das exigências em matéria de produtividade vem acompanhado de uma proibição aparente em termos de inovação intelectual”, o que ele atribui ao sistema neoliberal, projetado para suprimir tudo o que não for imediatamente útil ou rentável aos olhos da sociedade (WATERS, 2004).

Pensar requer liberdade: a exigência de produtividade tende a lhe ser contrária, na medida em que limita a própria liberdade de pensamento. Como tratar e conceber a propriedade intelectual, a capacidade de pensar do indivíduo? Michel Schneider (1986, p. 34) resumiu a questão altamente complexa do plágio:

Falo de plágio, dando ao termo, por vezes, a definição estrita de um processo de escrita desonesto e, outras vezes, a extensão para toda uma série de perguntas sobre o tema do pensamento e da escrita: quem pensa o que se pensa numa relação a dois? Quem fala quando alguém diz? Quem escreve, o autor ou o outro?

Schneider ressalta que o plágio tem uma história; ele não existiu desde sempre: “é na transição da antiguidade clássica para os tempos modernos que a acusação de plágio vai se constituindo gradualmente”. Até então, apenas existia a cópia, “a invenção era ignorada”. Schneider lembra que é nos anos de 1810 a 1830 que “se passa do “plágio” em sentido amplo, como prática generalizada, (comunidade dos temas, obrigação das formas, legado da tradição) para o plágio em sentido estrito (roubo de um texto). Ele observa que se trata de “um dos principais elementos da tradição humanista”. O “autor” não precisa “se distinguir”, mas aceitar que toda língua é emprestada e que toda forma é recebida através da aprendizagem e da apropriação. Em 1985, Schneider nota a existência de uma “degradação nos processos e nos procedimentos implementados particularmente nos trabalhos universitários”, observando, assim, a maneira em que “[...] a modéstia dos grandes letrados de ontem” se opõe “[...] à amoralidade que caracteriza atualmente o uso das citações ou das referências nas ciências humanas” (SCHNEIDER, 1985).

O que é que contribui para tornar indistinto e generalizado o plágio? Causas relacionadas com a economia de mercado, o que chamamos desde Adorno e Horkheimer de mercantilização cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1974); também razões de ordem tecnológica, como os fluxos contínuos de informações - muitas vezes indissociáveis das formas do mercado contemporâneo: a ilimitação temporal na própria relação com o outro.

3 PENSAR O EU E A ESTABILIDADE EM UMA SOCIEDADE FLUIDA

A noção de ilimitação – a ausência de limites - é usada para descrever nossas sociedades, caracterizadas pela fluidez, pela *liquidez* (BAUMAN, 2005): ela conduz a apoiar com força tanto a questão do outro como a do eu, tanto a questão do pensamento como a de sua apropriação com vistas a ignorar o autor. A alteridade pressupõe, com efeito, um limite, uma fronteira entre o eu e o não eu.

Ora, esse limite é questionável no mundo contemporâneo. A ilimitação impede a percepção do outro, induzindo novas condições de formação, de estruturação e de desestruturação do eu e do outro e, como consequência, de suas próprias possibilidades de interação. Pode-se pensar na atualidade, diante dos fluxos constantes, a propriedade de si, dentro da questão do eu e do movimento? Como fazê-lo?

Bergson (2003) observa que o movimento e a mudança são permanentes. Ele especifica suas condições, seus efeitos e sua natureza: a realidade está em movimento e não há nenhuma demarcação clara nos diferentes estados. O autor infere que “a bem da verdade, não há jamais imobilidade verdadeira, se a entendemos como a falta de movimento. O movimento é a própria realidade e o que chamamos de imobilidade é um certo estado de coisas”. Bergson ressalta que “a mudança é contínua em nós e contínua também nas coisas”. O que chamamos de “eu” e o que chamamos de “coisa” têm valor, são tomados e encontram sua razão de ser, sua funcionalidade em uma “mudança ininterrupta”. A imobilidade é, contudo, condição e forma de apreensão do real, da sua inteligência. Bergson o explica de duas maneiras: a imobilidade é condição da ação, intencional e, por outro lado, são necessários pontos “fixos”, marcadores, enquadramentos, alguma forma de estabilidade, de regularidade para ancorar o pensamento e a existência no mundo, o real. O autor trata, em seguida, da questão dos estados e de seus modos de percepção e de funcionamento. A percepção da mudança não é contínua, requer paradas, supõe estados ainda que sejam mais psíquica do que física e fisiologicamente reais. “A verdade é que mudamos constantemente e que o próprio estado é já uma mudança” (BERGSON, 2003, p. 175). O conceito de propriedade de si em permanente movimento é pensável quando lembramos, com Bergson, que a propriedade é um estado mais ou menos temporário, mais ou menos durável, mais ou menos cristalizado.

Bergson salienta o encadeamento, a não delimitação, a continuidade dos estados do eu, o que o conduz à ideia de duração. Ele descreve nossa existência psicológica, que exige e termina em uma “massa fluida”, em “uma zona em movimento” subjacente à propriedade de si. A delimitação é necessária para a própria possibilidade de representação, de conceptualização, de pensamento. O conhecimento apenas é possível se for apreendido como um estado, como uma representação da realidade, como um encadeamento de estados: a mudança contínua, a fluidez previne, força, às vezes até proíbe o exercício do conhecimento. Bergson formula, assim, perguntas cujo desafio civilizacional é considerável, quando, ao abordar a questão da capacidade de sensibilidade para o outro e do outro, toca, dessa forma, na propriedade de si e no papel do sujeito no exercício do pensamento, além de tocar nos modos contemporâneos de subjetivação.

4 O DESENVOLVIMENTO DE UMA COMPETÊNCIA TÉCNICA DESPROVIDA DE MENTALIZAÇÃO

O movimento de agora em diante impõe a velocidade, a instantaneidade, o imediatismo; ele impede a eventualidade da hesitação, da dúvida; ele afasta os desvios e as digressões, a ponto de dificultar a elaboração da percepção, da reflexão. Chega-se ao desenvolvimento de uma competência técnica do indivíduo, que pode ser totalmente desprovida de mentalização. O fenômeno da “vida mutilada”, que Adorno descreve na década de 1950, aumentou significativamente, confrontado agora a fluxos sensoriais e informacionais ininterruptos; as capacidades psíquicas e a mentalização estariam reduzidas, até mesmo destruídas. O indivíduo seria continuamente incitado a questionar a capacidade de discernimento, de escolha, de reflexão, a capacidade psíquica de atividade. Isso o levaria, em última análise, a alguma forma de passividade, à submissão ou, até mesmo, a um apagamento de si. A sociedade contemporânea de mercado desvaloriza a singularidade individual, a criatividade, a imaginação, a pessoa em cada um. Ela dificulta ou, até mesmo, impede o pensamento e a subjetividade na medida em que proíbe a capacidade psíquica, a qual requer o tempo necessário para a reflexão, para a relação consigo mesmo e, em consequência, para a consciência de si.

Alguns estudiosos contemporâneos, incluindo Gitlin, estão focados no funcionamento dos meios de comunicação e em seus efeitos psíquicos. O autor discerne dois elementos essenciais em sua evolução: os próprios efeitos do capitalismo, seus fluxos intrínsecos, - a mobilidade, a agitação, a circulação, bem como o surgimento de condições fisiológicas e psicológicas específicas, que desenvolvem uma cultura dos sentidos, das sensações, através da estimulação (GITLIN, 2003). As dificuldades de perceber devem-se à sensação contínua, à falta de limites, de pontos de referência sólidos e duráveis: estamos envolvidos em um fluxo contínuo no nível da percepção e descontínuo no nível psíquico, o que causa, então, o transitório, o efêmero e, assim, o indistinto. A mídia permite realmente ver, ouvir sem interrupção, no imediatismo, sem comprometimento psíquico.

5 A FALTA DE LIMITE, O AUTOMATISMO DAS ATIVIDADES, A SENSACÃO CONTÍNUA: SÃO AS CONDIÇÕES DA EXTENSÃO DO PLÁGIO?

O que pode acontecer? Que tipos de problemas ocorrem quando a percepção e a reflexão são substituídas pela sensação ilimitada? Será que a imersão em imagens e sons, o prazer da sensação, a individualização nos fizeram menos sociáveis? Menos civilizados, como diria Balandier? Através das telas, a mídia permitiria experimentar uma extensão de si mesma, e - este é o ponto fundamental - um prolongamento exterior a si mesma. Tocamos aqui nos trabalhos de Winnicott, no que ele designou como área intermediária entre o eu e o não eu. A experiência, o fato de experimentar, graças à estimulação, à excitação, à constância da sensação, privada gradualmente de sentido, viria em primeiro lugar, confrontando-nos, em consequência, a novas experiências de vida e de pensamento, de bem-estar e de mal-estar também. Estamos diante de uma enorme transformação das formas da percepção. As sociedades contemporâneas se tornaram sociedades sem fronteiras exteriores, *sem limites interiores*, sociedades fluidas, sociedades “líquidas”. Podemos, ainda, nos fluxos sensoriais e informacionais contínuos, onipresentes, perceber estados distintos, definidos? Podemos observá-los, descrevê-los, qualificá-los? Tendemos a sentir apenas impressões - difusas, indistintas, efêmeras, voláteis - e, ao mesmo tempo, uma sensação de mudança contínua.

Presos em um movimento constante, participamos de ações das quais parte do intencional, do desejado, do projetado seria reduzida ou seria até impossível devido à aceleração das mudanças. A extensão e a natureza incessante desses fluxos atrapalham mais ainda, apagam as fronteiras entre objetos materiais reais e objetos imateriais virtuais, atingindo profundamente os limites do eu. O movimento contínuo produz uma diminuição da consciência, uma exteriorização da esfera interior, concomitantes com uma fragmentação do eu e com uma espacialização da consciência: a relação com o tempo parece se apagar, a relação com o espaço ilimitado, mas virtual, vai acompanhada de um sentimento de empobrecimento interior e da extensão ilimitada da sensorialidade. Algumas grandes obras estão se focando atualmente nas turbulências psicológicas e psíquicas induzidas pela flexibilidade e pela fluidez no mundo contemporâneo.

Balandier é talvez um dos que tenha ido mais longe ao examinar as consequências desses efeitos. Ele discerne nessas questões radicais não uma reformulação, um deslocamento, mas uma grande virada, mais que nada um apagamento, um desaparecimento das categorias. Ele lembra, na verdade, que, se a mobilidade é uma dimensão intrínseca aos meios de comunicação, “pela sua proliferação e expansão de seu campo, os efeitos da realidade tendem a se tornar a realidade inteira, em um estado de indistinção crescente”. O autor observa que a ascensão do virtual, ao contribuir para o estabelecimento de um indistinto generalizado, leva a questionar as categorias com as quais percebemos e pensamos o mundo, a realidade. Enfatiza os efeitos psíquicos sobre o indivíduo suscetível de atingir, de vacilar, de pôr em perigo a própria noção do eu. “O mundo das imagens [...], o mundo das máquinas informáticas, gerador de criações virtuais e de substitutos virtuais reais da realidade se completam”, ele escreve. “Seus efeitos se somam e se reforçam, eles apagam as evidências antigas, produzem um universo da percepção e da interpretação continuamente em movimento instável” (BALANDIER, 2006). Balandier insiste ainda no caráter automático e mecânico dessas atividades, que não exigem um conhecimento aprofundado e consciente por parte dos indivíduos.

Podemos perceber, pensar no movimento contínuo e no ilimitado, na instantaneidade e no imediatismo? Devemos deixar um outro espaço para a corporeidade, para o movimento, para a mobilidade, para a mudança no processo de pensamento, para outras formas de pensamento? Nesse sentido, Simmel abriu uma reflexão particularmente esclarecedora para o contemporâneo: a atualização que ele fez do papel das interações levou-o, na virada do século XIX para o XX, a passar imperceptivelmente de uma representação com tendência à fixidez, à estabilidade do mundo, para uma representação menos clara, mais difusa dos laços sociais entre os indivíduos, o que o conduziu a uma percepção menos delimitada, menos delimitável das separações entre funcionamentos subjetivos, individuais e sociais (SIMMEL, 1998). Simmel assinala, assim, uma espécie de instabilidade permanente dos estados: centra-se nos processos subjacentes às formas, nos movimentos incessantes de vai e vem, na mobilidade permanente desses processos, na interação, que originam as formas sociais e psicológicas, a construção, a formação e o funcionamento do indivíduo, bem como dos sistemas institucionais.

6 PRODUZIR DE FORMA CONTÍNUA, SER PRIVADO DA CAPACIDADE DE PENSAR: A MERCANTILIZAÇÃO DA INTERIORIDADE

O trabalho de pensar pressupõe uma alternância no ritmo: é um trabalho que vem acompanhado de tempos mortos, de momentos desnecessários no imediato, de momentos de flutuações, de pausas, de digressões, que alimentam um trabalho invisível que ocorre no tempo e que implica uma parte inavaliável. Pensar não é ser obrigado a produzir de forma contínua. Ora, estamos agora diante de uma política e de uma cultura da avaliação que, inscritas nas formas de mercado desprovido de limites, comprometem-se ambas a rentabilizar o entretenimento, o trabalho, o pensamento e, além disso, o conjunto das atividades individuais. Uma profunda ignorância do pensamento e do conhecimento, da própria ideia de encontrar significado para o conhecimento resulta inevitavelmente no apagamento do autor. É preciso questionar o surgimento de condições em que o sujeito não pode se estruturar na medida em que ele não consegue mais pensar.

Assim, a avaliação contínua dos pesquisadores tende a privar o indivíduo da liberdade interior de pensamento. A avaliação parece ter, sobretudo, aumentado a comparação permanente com os outros: apenas essa comparação garantiria a qualidade científica de um trabalho, de uma ideia, parecendo reduzir o que é científico ao que é conhecido e comparável (MILLER; MILNER, 2005).

Desse modo, a avaliação está, sem dúvida, nas origens distantes da intercambialidade e, mais recentemente, nas das formas intensificadas de concorrência, reforçada também pelo medo do risco nas sociedades ultraliberais, regidas pelas exigências de lucro financeiro. A questão do conhecimento através das tecnologias contemporâneas deveria nos convidar a retornar à leitura de Winnicott, que, por meio da criatividade, nos leva a pensar sobre a concepção do eu, do outro, das formas de apropriação do conhecimento, a nos perguntarmos se existem outras concepções do eu e, por conseguinte, do outro; a examinar formas de conhecimento entre o eu e o não eu; em outras palavras, a reconhecer e a respeitar o tempo do trabalho, do pensamento, de si e do outro, sua originalidade, sua especificidade, seu próprio ritmo. A propriedade de si requer a possibilidade de um ritmo próprio ao sujeito. Ora, é precisamente o que as sociedades neoliberais deixam de lado e tendem a suprimir com a aceleração, com a ausência de tempo.

O período contemporâneo, no qual de agora em diante o movimento é contínuo, sem limites e sem fronteiras, vira a sociedade e o mundo do avesso. O próprio indivíduo considera de forma aguda a questão dos estados e da propriedade de si. O que acontece com o sujeito quando grandes mudanças antropológicas afetam em profundidade a relação que o indivíduo tem hoje com o espaço, mas também com o tempo, com os outros? Winnicott parece-nos, então, fornecer uma pista apaixonante: sua argumentação é esclarecedora para o mundo contemporâneo, opaco e desprovido de mediações. Ele atualiza o papel crucial dos objetos transicionais, que desempenham o papel de mediação na estruturação da subjetividade. Na verdade, ele coloca que “é com base no jogo que se constrói toda a existência experiencial do homem. Nós experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no entrelaçado excitante da subjetividade e da observação objetiva, bem como na zona intermediária, localizada entre a realidade interior do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo, que é exterior” (WINNICOTT, 1975). Não somos levados a repensar a noção de si? E a da propriedade de si? A de autor e a de autoridade? É o que precisamente aponta Waters ao discernir no termo “autoridade” dois elementos, que diferem em profundidade: o impulso, o pensamento, o julgamento, a posição, o compromisso do autor e a parte de autoritarismo - congelada, presa - devido ao componente mecânico, irreversível, acabado de imprimir, do que é publicado.

Há no pensamento, um pouco de liberdade de pensar e de palavra, que resiste à formatação material. [...] Há um conflito que as pessoas profundamente inteligentes sempre experimentarão entre o autoritarismo do escrito e a autoridade que procuramos ao tomarmos a palavra e ao publicarmos (WATERS, 2004).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. La production industrielle des biens culturels. Raison et mystification des masses. In: _____. *La dialectique de la raison*. Paris: Gallimard, 1974.

BALANDIER, G. *Le pouvoir sur scène*. Paris: Fayard, 2006.

BAUMAN, Z. *Liquid life*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BERGSON, H. La perception du changement. In: _____. *La pensée et le mouvant. L'évolution créatrice*. Paris. PUF, 2003.

GITLIN, T. *Media unlimited*. How the torrent of images and sounds overwhelms our lives. New York: A Metropolitan Owl Books, 2003.

MILLER, J.A.; MILNER, J.C. *Voulez vous être évalué ?* Paris: Grasset, 2005.

SCHNEIDER, M. *Voleurs de mots*. Paris: Gallimard, 1985.

SIMMEL, G. *La fidélité*. Essai de socio-psychologie. La parure et autres essais. Paris: Ed. Maison des Sciences de l'homme, 1998.

WATERS, L. *Enemies of promise: publishing, perishing and the Eclipse of scholarship*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

Recebido em 25/07/2017. Aceito em 25/09/2017.